

X **ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO**
- CULTURA**
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**
- EDUCAÇÃO**
- MEIO AMBIENTE**
- SAÚDE**
- TRABALHO**
- TECNOLOGIA**

OS DISCURSOS SOBRE A ÁFRICA PRESENTES NA MÍDIA BRASILEIRA

Temitope Jane Aransiola¹
Cloris Porto Torquato²

RESUMO: Sabemos que é na linguagem e através dela que as identidades se (re)construem e desconstruem (HALL, 2011; SILVA,2011), é também na linguagem, nos discursos, que a representação acontece. Dessa maneira, este estudo busca investigar, sob uma perspectiva crítica, como a África vem sendo representada na mídia brasileira e de que maneira esses discursos midiáticos contribuem para a (re) construção de uma imagem estereotipada que os brasileiros têm sobre o continente africano. Isto pois, tendo em vista a imagem que alguns brasileiros tem com relação à África, um país de miséria, pobreza, fome, animais selvagens e seus infinitos conflitos sociais. A proposta deste projeto é analisar como os enunciados presentes nas notícias e/ou imagens veiculadas em jornais impressos e jornais eletrônicos colaboram para que esses estereótipos sejam reforçados. Ao final da pesquisa espera-se melhor compreender como a África representada nos discursos presentes em alguns principais jornais contribuem para o entendimento do público brasileiro sobre a África. Porém o trabalho é um recorte da dissertação e está em andamento, somente traz alguns desdobramentos e questões para se pensar do assunto.

PALAVRAS-CHAVE – Discurso, Mídia, Ideologia, Estereótipo.

¹ Mestranda na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: topejaane@gmail.com

² Professora doutora na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: clorisporto@gmail.com

Introdução

Este estudo busca problematizar, principalmente, as seguintes questões: Qual é o papel da mídia na redes construção de estereótipos sobre a África? Como a África tem sido representada na mídia brasileira? Para refletir e discutir essas questões, investiga-se como assuntos (sejam eles, econômicos, sociais, políticos, culturais e étnicos) são colocados pela mídia brasileira para poder fazer uma análise crítica de discurso da maneira que mídia brasileira trata de assuntos relacionados a países africano. Essa averiguação possibilitará identificar como os discursos utilizados nos noticiários jornalísticos brasileiros causam impactos na representação social do continente.

Conforme o círculo de Bakhtin (2003), a palavra, signo ideológico por excelência, ganha expressividade no enunciado. Um enunciado não pode nunca ser neutro pois é fruto das escolhas, da intenção do autor, e dos seus interlocutores. É no enunciado que a comunicação discursiva acontece. Portanto os enunciados presentes nas notícias, charges e imagens que tratam de questões do continente africano, veiculados nos jornais brasileiros carregam as ideologias de quem os produz; carrega as impressões e a intenções de quem os produz, e, desse modo, pode muitas vezes reforçar estereótipos.

A construção de sentido acontece através de qualquer informação midiática, no caso dessa pesquisa, primeira com a imagem, depois o texto, o vídeo e outros recursos informativos como propulsora. Começando pela questão de quê brasileiros tem noção que África é um país. É seguro assegurar isso porque a pesquisadora, africana, já recebeu muitas perguntas e comentários sobre o continente durante os quatro anos de convivências no Brasil. Deste meio, percebe-se que o contato e as informações que as pessoas têm do continente é através de jornais, revistas, internet e televisão.

Considere que a mídia é uma das maiores fontes de informação e uma ferramenta na produção de conhecimento. A mídia tem o poder de regular a sociedade e os interesses neles contidos uma vez que as instituições pautam suas agendas nele. Com a internet essa panorama acontece numa escala global (CASTELLS, 2003). Por exemplo quando a mídia mostra imagem de pessoas negras passando fome e afirmam que são africanos, isso além de ser uma generalização, é uma afirmação. Os telespectadores recebem essa informação e na

próxima vez que vejam uma imagem de pessoas negras passando fome automaticamente associam à África mesmo se essas pessoas fossem do Brasil ou de qualquer outro lugar. A repetição e disseminação desse processo torna-se fixa e recorrente. As narrativas comunicam o que somos e nós identificamos ao formar um discurso, uma narrativa, eles comunicam uma representação de nós mesmos. Esses discursos são criados dentro da história e dependem de vários fatores tal como a memória assim passamos a escolher e montar uma narrativa para nos representar diante dos outros. É um processo contínuo através de escolhas e obrigações sociais, mesmo sem fronteiras definidas, decidem quem nós somos e dizem algo sobre o nosso espaço dentro da sociedade, nosso lugar com os outros (Martino, 2010). Isso é para demonstrar como enunciados influenciam nossas vidas.

Na pesquisa será abordado, notícia, o conteúdo, o enfoque, aprofundamento, tratamento, finalidade e imagem para uma análise de discurso. Nestas classificações serão analisadas a linguagem, a contextualização e abordagem. A ideia é analisar quais palavras são usadas para descrever assuntos relacionados à África.

Referencial teórico-metodológico

O interesse em tratar o tema advém da inquietação pessoal e como pesquisadora ao ver a representação que os brasileiros têm dos africanos. Fato provocado pela maneira da qual meios de comunicação abordam o assunto. Esses meios por sua vez, apresentam, na maioria das vezes, o caráter equivocado dos assuntos devido ao enfoque tendencioso dado à matéria, falta de aprofundamento e às fontes utilizadas e a fotografia. Assuntos como miséria, fome, conflitos étnicos e safári geralmente ganham mais destaque na mídia brasileira. Pouca atenção é dada a multiplicidade de culturas e étnicas, a culinária, os pontos turísticos e outras belezas naturais dos países africanos.

Um dos exemplos do enfoque tendencioso da mídia foi a figura do 'africano' no programa Pânico na Band em 2016 onde um cara branco se pinta de preto e imita um negro. Na programação este sujeito se veste sunga não fala, somente resmunga e gesticula, às vezes grita, come folhas e dança. Esse programa gerou muita repercussão na internet e recebeu denúncias de racismo. Pode-se dizer que a intenção do programa foi fazer o telespectador rir, mas o que não acontece é que

isso compromete a identidade do negro que não se identifica com tal imagem. Imitar o jeito de ser do africano está implicando que esses são os traços e características dos africanos, o que é equivocada. Ferreira (2012) trouxe isso em seu artigo quando fez análise de uma imagem publicada no *Folha de São Paulo* em 2005.

Na análise ela fala sobre a Identidade social e aborda a questão da vestimenta das personagens presentes na imagem.

Ocorre que elas estão usando vestimentas que relembram sua descendência, sua cultura e isso cria o desejo de pertencimento e de identidade social. Já com relação às vestimentas que os “africanos” estão utilizando, foram vestimentas criadas para eles em uma situação de escravizados, o que não se relaciona com a forma como se vestiam na África nem como se vestem no Brasil. A vestimenta dos “africanos” não dá a possibilidade de lembrar de ascendência e de aspectos culturais, pois, da forma como estão vestidos, estão despidos de qualquer possibilidade de identidade social e cultural que relembre a África, pois, na imagem, é negada essa possibilidade (FERREIRA, 2012, p. 203).

Embora a citação da autora se concentra na vestimenta, podemos relacionar isso ao programa do Pânico. Essa figura não representa os africanos, pois eles não se vestem daquela maneira e não comem só folhas, além de que suas atividades não se resume só a isso. Eles têm várias línguas e não se comunicam somente com gestos. Entende-se que além do fato de que essas representações limitam a identidade dos sujeitos ele as desconstrói, pois os indivíduos destes lugares não se veem representados. Dessa maneira é que se criem estereótipos. Estereótipo é a maneira como pegamos algumas características simples, facilmente compreendidas e vastamente reconhecida sobre a pessoa. Ao fazer isso, “reduz, essencializa, naturaliza e fixa diferenças”, (p. 258) além de criar barreiras. O estereótipo faz parte de mantém ordem social e simbólica, se manifestando onde há desigualdade de poder (HALL, 1997). É definir uma pessoa com uma parte das características dela.

O problema com essas interpretações é que tentam representar supostas imagem dos países africanos como a intenção de informar o público sobre o continente, em algumas das vezes não é que isso seja errado, mas isso não quer dizer que essa informação se aplica a todos os países da África. Normalmente é uma parte da verdade num tempo e situação específica.

Neste artigo a ideia seria investigar o tipo de enfoque dado ao assunto. Questiona-se, também, a veracidade das informações nestes jornais por causa das fontes de informação, que muitas vezes advém de agência de notícias. Os dois jornais que serão estudados são o *Folha de São Paulo* e o *Globo*, analisando os

dois momentos diferentes, a Copa do mundo de 2010 na África do Sul e O surto de Ebola em 2014.

Sobre como acontecem a seleção das notícias, Wolf (2003) coloca que os valores-notícia permeiam não apenas o momento de seleção, mas todo o processo de produção. “A escolha de um acontecimento coincide com a determinação de um ‘recorte’ particular ou de um ponto de vista a partir do qual ele pode ser contado, noticiado” (p. 25). Para ele, os critérios de seleção são divididos em avaliação do acontecimento o que diz respeito importância e interesse da notícia. Traquina (2005) também parte do pressuposto de que os valores-notícia são a notoriedade, a proximidade, a relevância, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito, a controvérsia e o escândalo. “Abrir o jornal do dia significa deparar-se com um mapa do mundo conformado por tantos lugares, acontecimentos e temáticas quanto o interesse e as possibilidades de cada meio permitem acessar”. (ZAMIN, 2012. p. 40).

Além disso, o jornalismo tem princípios que norteiam todo o seu processo e possui uma função social muito importante que tem como finalidade manter o público informado para que ele possa ser livre, se tornar crítico, formar opinião e tomar decisões sem interferência de terceiros (WOLF, 2003; TRAQUINA, 2005). Considera-se pertinente à discussão sobre o papel do jornalismo na sociedade. Conforme afirma (BENEDETI, 2009, p. 36), “o jornalismo adquiriu função social, (...) recebeu da sociedade uma procuração moral, não oficial (...) para dar visibilidade (publicidade e transparência) às coisas públicas e de interesse público”. Entende-se que a prática do jornalismo está ligada diretamente ao exercício da cidadania uma vez que a profissão tem compromisso com a sociedade. A presente pesquisa adota os princípios metodológicos da pesquisa qualitativa [interpretativista] (FLICK, 2009).

O percurso metodológico se divide em duas etapas principais interligadas e pertinentes para a realização deste trabalho. Em um primeiro momento será realizada uma pesquisa bibliográfica e depois um levantamento de dados dos dois jornais na versão online. Será analisado a narrativa de cada jornal, verificando o tipo de discurso, os adjetivos e as palavras. Para a revisão bibliográfica, serão realizadas leituras de pesquisadores que colaboram com discussões sobre metodologia da pesquisa, os estudos voltados para questões da mídia, bem como estudos sobre identidade na pós modernidade e os estudos de linguagem do círculo de Bakhtin.

IV. Considerações finais

Este trabalho propus dar uma panorama geral de um assunto que surgiu da motivação pessoal e acadêmica da pesquisadora. A ideia foi apresentar hipóteses de que se esperar obter ao final da pesquisa o que será realizado como trabalho de dissertação do mestrado. O objetivo central do artigo é levantar exemplos de como a África vem sendo representada na mídia brasileira, especialmente nesses dois jornais na versão online e de grande circulação. Para isso levantar possíveis caminhos de responder uma inquietação da pesquisadora assim como compreender como isso acontece em diferentes contextos históricos por isso busca-se apoio em aportes teóricos nas áreas de História, Jornalismo e Letras.

Demonstra que a África que os brasileiros conhecem é de uma visão estereotipada e é resultado das informações que recebem da mídia o que influencia na identidade do negro. Esse discurso contribui para a fixação desses estereótipos. Como explica Bakhtin (2003), os discursos dependem da intenção do autor, a mensagem e o receptor. Se o discurso é ideológico, pode-se dizer que essas notícias possuem efeito sobre outros discursos e tem o poder de determina o espaço do sujeito.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade:** notas introdutórias. Disponível em http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf. (Acesso em 20/05/2014).

BAKHTIN M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9 ed. São Paulo:hucitec:2002.

BAKHTIN M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENEDETI, Carina Andrade. **A Qualidade da Informação Jornalística:** do conceito a prática. Série Jornalismo a Rigor. vol 2. Florianópolis, 2009.

CASTELLS, Manuel. A política da internet I: redes de computadores, sociedade civil e o Estado. In: _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades Sociais, Letramento Visual e Letramento**

Crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(51.1):

193-215, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132012000100010>.

Acesso em: 20/07/2017.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa – 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAZETA do povo. **Denunciado por racismo, Pânico na Band vai retirar “Africano” do ar**. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/cultura/denunciado-por-racismo-panico-na-band-vai-retirar-africano-ar/>> Acesso em: 14 de junho de 2017.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11ª ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, T.T. (org.) **Identidade e Diferença – a Perspectiva dos Estudos Culturais**. São Paulo: Editora Vozes, p.103 -133, 2011.

_____. **Representation: Cultural representations and signifying practices**. Sage Publications. The Open university, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e Identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.(Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística**. V.2 Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAMIN, Angela. **Nos jornais, Um típico Acontecimento Atípico**. O caso Angostura em diários latino-americanos de referência. São Leopardo, RS. 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/AngelaZamin.pdf>> Acesso em 27/10/2014